

AUTOIMOLAÇÃO POR LEALDADE

Own imolation by loyalty

Denise Rocha¹

MISHIMA, Yukio.² *Patriotismo*. Trad. Jefferson José Teixeira. São Paulo: Autêntica, 2020. Em formato de box, inclui, além do conto, o ensaio *Quem são Mishimas*, de Victor Kinjo, com elementos biográficos e fotografias do escritor Yukio Mishima.

Patriotismo (1961)³ é um longo conto do japonês Yukio Mishima (1925-1970), pseudônimo literário de Kimitake Hiraoka, que evoca uma faceta da paisagem religiosa, cultural e histórica do Japão, no século XX: a religião xintoísta, praticada pelo jovem casal de protagonistas, Shinji e Reiko, moradores de Tóquio, em Aoba-cho (Yotsuya), na época do Imperador Hirohito (1901-1989) e da rebelião militar de 1936.

A narrativa concentra-se nos três últimos dias de vida do jovem casal, 26 a 29 de fevereiro de 1936, e apresenta um ritual de amor erótico que precede o ritual da morte. O Tenente Shinji Takeyama, do batalhão de Transportes do Exército Imperial, 31 anos, está casado há 18 meses com

¹ Doutora pela Universidade Estadual Paulista – UNESP, Câmpus de Assis. Professora da Universidade Federal do Ceará. E-mail: rocha.denise57@gmail.com.

² Formado em Direito pela Universidade de Tóquio, em 1947, Yukio Mishima conseguiu um posto promissor na Divisão de Bancos do Ministério das Finanças. Permaneceu pouco tempo na atividade e resolveu dedicar-se à carreira literária e artística, conseguindo o apoio dos familiares. Mishima escreveu romances: *Confissões de uma máscara* (1948), *Sede de amor* (1950), *Cores proibidas* (1952), *O Túmulo das ondas* (1954), *O templo do Pavilhão Dourado* (1956), *A casa de Kyoko* (1959), *Depois do banquete* (1960), *O Marinheiro que perdeu as graças do mar* (1963), *Seda e visão* (1964), *Morte no verão* (1966), *Sol e aço* (1970) e a tetralogia *O mar de fertilidade* (1969-1970), composta por *Neve de primavera* (1969), *Cavalo selvagem* (1969), *O templo da aurora* (1970) e *A queda do anjo* (1970); contos: *Atos de adoração* (1965) e *Patriotismo* (1966) etc.; peças teatrais: *Madame de Sade* (1965), *Meu Amigo Hitler* (1968), entre outras; a obra histórica *O Caminho do Samurai* (1967), publicada no Brasil como *O hagakure*: a ética dos samurais e o Japão moderno (MISHIMA, s.d.).

³ O título do conto significa, literalmente, *Yukoku*, “estar inquieto por seu país” (PONS, 2005, p. 1).

Reiko, 23 anos. Depois do motim militar, iniciado em 26 de fevereiro e concluído em 29 de fevereiro de 1936, Takeyama recebe a ordem de seus superiores para participar da execução dos rebeldes, alguns dos quais eram seus camaradas. Em um gesto de lealdade, ele decide cometer o *seppuku*, um tipo de suicídio ritualizado dos samurais. Sua esposa o acompanha na morte e perfura o pescoço com um punhal, demonstrando total devoção ao marido.

O projeto editorial da Autêntica revela alusão temática, pela cor vermelha escura, de sangue (capa e contracapa), e pela imagem de um militar japonês. Trata-se da fotografia do escritor Mishima, que atuou como protagonista de seu conto na transposição cinematográfica (1966).

Na contracapa, são mencionadas duas declarações do autor a respeito da importância de *Patriotismo* em sua obra e de seu significado, que revela traços de sua visão de mundo:

Apesar de ser um conto de menos de cinquenta páginas, uma vez que aí estão concentrados vários elementos meus, caso uma pessoa queira ler somente uma obra minha, eu recomendaria *Patriotismo*. Assim, ela poderá compreender tanto os meus aspectos positivos como os negativos enquanto escritor.

Numa rara noite como essa, o amor de um homem e de uma mulher alcançam a pureza e a intoxicação, e a morte agonizante pela própria espada torna-se o ato supremo de sinceridade do soldado e iguala-se em todo sentido à morte honrada no campo de batalha.

O título, *Patriotismo*, que evoca uma ideologia nacionalista, a da pessoa que ama a sua Pátria e deseja servi-la, reflete a cosmovisão pessoal de Yukio Mishima, que foi escritor, dramaturgo, artista, cineasta, boxeador, lutador de artes marciais, halterofilista e modelo fotográfico. Ele tem uma vasta produção literária: 35 romances, 25 filmes e peças de teatro, 20 volumes de contos, além de ensaios crítico-literários, filosóficos e jornalísticos. (KANASHIRO, 2011, p. 1).

Yukio Mishima foi indicado ao Prêmio Nobel de Literatura três vezes. No ano de 1968 foi preterido por seu amigo Yasunari Kawabata (1899-1972), que se despediu da vida da mesma forma que Mishima, por suicídio.⁴

⁴ No dia 25 de novembro de 1970, o líder Yukio Mishima, portando um manifesto e uma lista de reivindicações, juntamente com quatro membros da sociedade Tatenokai, entrou no prédio do Quartel-General Ichigaya, da Força de Autodefesa do Japão, que tinha sido a sede do Exército Imperial do Japão, em Tóquio.

Em 1967, Yukio tinha fundado a Sociedade da Armadura (Tatenokai), composta por cerca de 80 estudantes de artes marciais que se dedicavam ao *Bushido*, o código de ética samurai, e vestiam

A duas semanas de sua morte planejada, Mishima organizou uma mostra retrospectiva de sua vida e obra, a *Exposição Yukio Mishima*, de 12 a 17 de novembro de 1970, na loja de departamentos Tôbu, em Tóquio. Na ocasião, ele declarou: “Dividi a minha existência de 45 anos, repleta de contradições, em quatro correntes: os Rios do Livro, Teatro, Corpo, Ação e os estururei de modo a desaguiarem no Mar da Fertilidade” (KUSANO, s.d., p. 1). Pouco antes, ele finalizou *A Queda de um Anjo*, último livro da tetralogia *O Mar da Fertilidade*.

O escritor Mishima esteve no Brasil no ano de 1953, depois de viajar, no dia 25 de dezembro de 1952, como enviado especial do jornal *Mainich*, para os Estados Unidos da América, onde visitou São Francisco, Washington, Nova Iorque, Flórida e San Juan. Ele chegou ao Rio de Janeiro para assistir o carnaval, passou por São Paulo e rumou para Lins, a fim de visitar o amigo Tarama Toshihito, descendente da realeza japonesa, que tinha se tornado proprietário rural. Da cidade, localizada no centro oeste do estado de São Paulo, Yukio Mishima escreveu para o escritor Yasunari Kawabata, com data 13 de fevereiro de 1953, suas impressões sobre sua estadia no Brasil: “Desde a minha chegada na América no Sul estou completamente seduzido pelos brasileiros”. E prossegue: “Jamais vi gente tão pouco complicada, inclusive os imigrantes são abertos e agradáveis – talvez porque a maioria deles tem fortunas que se calculam em milhões – e não se podem comparar com os japoneses servis instalados no Havaí ou na costa oeste dos Estados Unidos” (CASTELLO, 2018, p. 1).

Inspirado nas experiências brasileiras, ele escreveu a opereta *Bom dia, senhora!* (com temática do carnaval) e a peça teatral *A toca de cupim* (com temática da fazenda), pela qual recebeu o Prêmio Kishida de Dramaturgia (1955) no Japão. No Brasil, ela foi encenada como leitura dramática somente em março de 2014, sob a direção de Alice K., na Casa das

o uniforme imperial.

Os jovens pediram audiência e renderam o comandante em Tóquio, General Kanetoshi Masuda. Yukio entrou na varanda para se dirigir aos soldados da guarnição que se encontravam no térreo. Leu seu discurso para motivá-los a darem um golpe de estado, mas eles ficaram indiferentes e o ridicularizaram.

O líder deu três vivas ao Imperador e retornou ao escritório do comandante, que estava amarrado em uma cadeira, e, segundo a tradição dos samurais, sentado sobre os calcanhares, Yukio cometeu suicídio, perfurando o próprio ventre. O dever da prática do *kaishakunin* (decapitação), a ser realizado no final do ritual, que consistia em um ato de misericórdia fatal, não foi concluído por Masakatsu Morita, após várias tentativas. Hiroyasu Koga terminou o ritual de cortar o pescoço do companheiro. (MISHIMA, s.d., p. 1).

O *seppuku* de Yukio Mishida foi uma forma de ato político de dupla faceta: uma, contra a presença dos Estados Unidos da América no Japão, desde o final da II Guerra Mundial, que se tinham oposto à manutenção de uma força militar nacional e ao rearmamento do país, e a outra, a favor da restauração dos poderes ao Imperador Hirohito (liderança e poder divino). As últimas palavras de Mishima foram: “Vida longa ao Imperador!”.

Rosas, em São Paulo (CUNHA; KANASHIRO, 2016, nota 31, p. 256).

Cidadão do mundo, Yukio Mishima, nascido em 1925, tinha 14 anos na época da eclosão da II Guerra Mundial, e como os demais jovens lia *Hagakure*, de Jocho Yamamoto, que era um tipo de manual de conduta do samurai do século XVIII (KUSANO, s.d., p. 1) o qual o inspirou a escrever *O hagakure: a ética dos samurais e o Japão moderno* (1967).

Yukio foi recrutado pelo exército, mas devido ao seu tipo franzino, não foi enviado para a linha de frente e assumiu serviços burocráticos junto à base naval da Marinha. Mais tarde, começou a ter um tipo de obsessão ao culto do corpo, praticando fisiculturismo e vários esportes marciais japoneses (kendô – esgrima japonesa – e caratê).

O conto *Patriotismo* aborda o *seppuku* (*harakiri*), uma forma de suicídio ritual, que consiste em cortar o ventre com uma espada e era praticada pelos samurais, em época de guerra, como forma honrosa de morrer, em vez de cair nas mãos desonrosas dos inimigos. Portanto, a narrativa revela elementos da classe militar do *samurai* (aquele que serve), do *bushi* (guerreiro samurai), que está consolidada no código de honra e de conduta, o *Bushidô* (caminho do guerreiro), pautado na disciplina, na lealdade, na honra, na habilidade com a espada *katana* e na extrema coragem diante de qualquer situação. A classe dos samurais perdeu o poder para o imperador, em 1868 (Restauração Meiji) (SAMURAI, s.d., p. 1). O ideal da virilidade masculina impregnava a mentalidade de alguns japoneses no século XX, como a do próprio escritor Yukio Mishida.

A morte foi um dos principais temas da literatura de Mishima, com destaque para o *seppuku*, que aparece não somente em *Patriotismo*, mas também no romance *Cavalo Selvagem* (1969). Ao ser indagado sobre o motivo da escolha dos japoneses por tirar a própria vida com o método mais doloroso, o escritor respondeu: “Não posso crer na sinceridade ocidental porque ela não é visível aos olhos. Caso houver necessidade de mostrar a sinceridade a alguém, nós temos de cortar o ventre e retirar a sinceridade para torná-la visível aos olhos” (KUSANO, s.d., p. 1).

Escrito no verão de 1960 e publicado em 1961, *Patriotismo* foi baseado em um fato histórico: o motim militar, ocorrido no dia 26 de fevereiro de 1936, conhecido como Ni Ni Roku (1936), no qual 21 jovens oficiais do Exército Imperial tentaram um golpe de Estado contra um governo, considerado traidor. Eles assassinaram diversas autoridades e ocuparam o centro de Tóquio, mas não conseguiram controlar o Palácio Imperial.⁵

⁵ A revolta, que se iniciou no dia 26 de fevereiro de 1936, foi uma tentativa de golpe de estado. Este foi organizado por um grupo de jovens oficiais do Exército Imperial Japonês, muitos dos quais eram membros da Kodoha (Facção do Caminho Imperial), atuante nas décadas de 1920 e 1930, que tinha como objetivo estabelecer um governo militar no Japão. Eles não conseguiram

No conto, os protagonistas, Shinji e Reiko, residem em um antigo sobrado de aluguel, localizado em Aoba-cho (Yotsuya), que tinha três dormitórios e um pequeno jardim no quintal. O centro da casa é um oratório xintoísta, do Grande Santuário Ise,⁶ no qual eram feitas as oferendas diárias de água e da rama sagrada sakasi. Perto dele, em um nicho, foram colocadas as fotografias do Imperador e da Imperatriz, diante das quais o casal fazia profundas reverências todos os dias.

Patriotismo está dividido em cinco partes. Inicia-se com uma informação completa, em estilo de reportagem de jornal, sobre o *seppuku* do Tenente Shinji Takeyama, 32 anos, no dia 28 de fevereiro de 1936, por não concordar com a execução de seus companheiros, amotinados militares. A nota de despedida dele foi: “Vivam as forças imperiais!”. Sua esposa, Reiko, 23 anos, que o seguiu no suicídio, escreveu que tinha chegado o dia para a mulher de um soldado (parte 1). Depois da informação a respeito da morte do casal, parentes foram até a casa deles e contemplaram a bela fotografia das bodas. Seguem descrições precisas sobre a vida matrimonial, a cotidiana, a religiosa e a sexual, experimentada intensamente (parte 2). Ecoam sons de tiro, e o tenente vai para a guarnição militar, na manhã fria e com nevasca. Ao ouvir notícias do rádio, em 26 de fevereiro, sobre o início da violência, Reiko, que tinha observado a presença da morte no semblante do esposo ao partir, entendeu que ele não iria voltar com vida e planejou também sua morte. Organizou seus pertences pessoais, os etiquetou com nomes das amigas do colégio que iriam receber seus quimonos e os bichinhos de porcelanas. Novas notícias do rádio trazem informações sobre o intento de alguns oficiais e soldados para restaurar a honra nacional, que tinha sido interpretado como motim e que levava destacamentos militares para as ruas. Dois dias depois, Shinji retorna transtornado e comenta que não havia sido avisado da rebelião, possivelmente, por ser recém-casado e que havia sido destacado para comandar a unidade com ordens de atacar os companheiros. Comunicou a ela que não acataria as ordens hierárquicas e que, naquela noite, iria abrir o estômago. A esposa disse que o acompanharia no suicídio. Shinji começou a organizar o ritual da morte: banho, sake e relação sexual (parte 3). Iniciam-se os preparativos finais: Shinji banha-se, veste a farda militar e coloca o quepe na cabeça. Reiko organiza na mesa os apetrechos para a escrita de notas de despedida, veste um kimono branco e maquia-se. Rezam

ocupar o Palácio Imperial, tampouco assassinar o Primeiro-Ministro Kaisuke, embora tenham matado várias autoridades, inclusive dois ex-ministros. Os revoltosos se renderam no dia 29 de fevereiro. O motim teve graves consequências: a prisão de 40 participantes principais e a execução de 19; a perda de poder da facção radical Kodoha dentro do exército e o aumento do controle dos militares sob o governo civil (INCIDENTE, s.d., p. 1).

⁶ O Grande Santuário de Ise, dedicado à deusa do Sol, Amaterasu, está situado na cidade de Ise, província de Mie.

em frente ao santuário. Sentam sobre os calcanhares, um em frente do outro. Shinji desata o cinto, abre as calças e, com ambas as mãos, perfura o ventre com a espada e tenta atingir o pescoço. A esposa o ajuda, abrindo a camisa (parte 4). Reiko sai, desliga a chave do gás e molha o carvão fumegante. Mira-se em um espelho, passa *rouge* nas faces e nos lábios, abre uma janela. Volta, senta-se ao lado do corpo do marido e beija sua boca. Pega um punhal, perfura a língua e, depois, a garganta (parte 5).

Patriotismo foi transformado em peça teatral, com direção e participação de Mishima, no papel do protagonista, e no filme *Rito de amor e de morte* (1966). Ele foi rodado em preto e branco, ao som de *Tristão e Isolda*, de Richard Wagner, tendo como intérprete e diretor o próprio autor, no papel do tenente, e Yoshiko Tsuruoka, como Reiko, esposa dele. O filme foi premiado no Festival de Tours, França, em 1966.



Fig. 2 – Tenente Shinji Takeyama (Yukio Mishima) e sua esposa Reiko (Yoshiko Tsuruoka), antes do ritual do seppuku (Filme, 1966).

A leitura de *Patriotismo* é indicada por apresentar imagens militares, religiosas e culturais do Japão tradicional, que se refletem na contemporaneidade: a estética dos guerreiros, a dos samurais e o suicídio ritual do *seppuku*, bem como o rito religioso do xintoísmo e a cerimônia de veneração do Imperador. O panorama militar radical abordado por Yukio Mishima evidencia-se em uma crise política com final trágico, na qual se envolve o protagonista, o Tenente Shinji Takeyama: o motim histórico de fevereiro de 1936, ocorrido por causa dos conflitos de diferentes forças no Exército Imperial do Japão. A narrativa é importante, principalmente, porque o escritor elabora o perfil naturalista de uma mulher, Reiko, que desfruta intensamente do prazer sexual, gemendo no orgasmo. Ao descrever

minuciosas cenas de ardente erotismo, Yukio destaca a beleza e a sensibilidade feminina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTELLO, José. A literatura na poltrona: Mishima no Brasil. *Rascunho*, v. 222, out. 2018. Disponível em: <<http://rascunho.com.br/mishima-no-brasil/>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

CUNHA, Andrei; KANASHIRO, Victor. Suicídio e política em tradução: Mishima como texto brasileiro. *Letras & Letras*, Uberlândia, v. 32, n. 1, p. 244-66, 2016. Acesso em: 12 nov. 2019.

INCIDENTE DE 26 DE FEVEREIRO. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Incidente_de_26_de_Fevereiro>. Acesso em: 12 nov. 2019.

KANASHIRO, Victor. Homoerotismo em Yukio Mishima: questões de pesquisa. *XII Congresso Internacional da ABRALIC*: Centros, Ética, Estética, UFPR, Curitiba, 18 a 22 jul. 2011.

KUSANO, Darci. Íntima relação com o sol: talento e escândalo se unem na trajetória de Yukio Mishima, o homem da renascença do Japão do pós-guerra. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/intima-r4elacao-com-o-sol/>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

MISHIMA, Yukio. *Patriotismo*. Trad. de Jefferson José Teixeira. São Paulo: Autêntica, 2020.

PONS, Philippe. Curta-metragem profético de Mishima vem à tona no Japão. *Folha de S. Paulo*, 27 ago. 2005, Ilustrada, p. 1. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2708200524.htm>> Acesso em: 12 nov. 2019.

SAMURAI. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Samurai>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

MISHIMA, Yukio. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Yukio_Mishima>. Acesso em: 12 nov. 2019.

ICONOGRAFIA

Fig. 1 – Capa e contracapa do livro *Patriotismo*, de Yukio Mishima, Editora Autêntica, 2020. Disponível em: <<https://improprias.ufms.br/2020/03/10/ufms-tera-palestra-performance-sobre-homoerotismo-no-japao/>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

Fig. 2 – Tenente Shinji Takeyama (Yukio Mishima) e sua esposa Reiko (Yoshiko Tsuruoka), antes do ritual do seppuku (Filme, 1966). Disponível em: <<http://davidnoahnair.blogspot.com/2019/09/yukio-mishimas-1966-short-film.html>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

FILMOGRAFIA

Filme *Rito de amor e de morte*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8HDyfZaU2FM>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

Data de recebimento: 25 abr. 2020

Data de aprovação: 13 nov. 2020

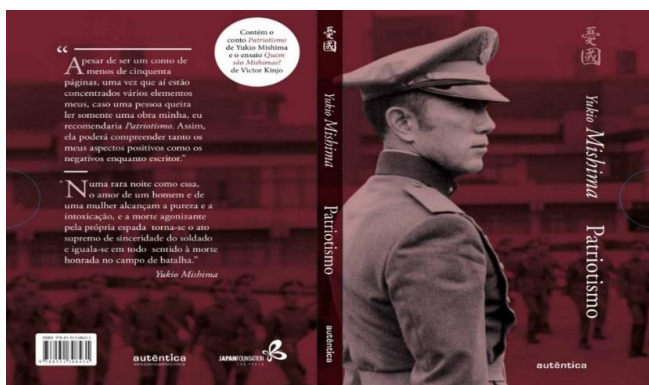


Fig. 1 – Capa e contracapa do livro *Patriotismo*, de Yukio Mishima, Editora Autêntica, 2020. Fotografia de Yukio Mishima, como o Tenente Shinji Takeyama, no filme *Ritual de amor e morte* (1966).